

ENTRE DONAS DE CASA E PROVIDORES DA FAMÍLIA: CONCEPÇÃO DE ALUNOS DO 9º ANO SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO E AS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES

*Eixo Temático 36 – Violências de gênero e o Neoconservadorismo: a
pesquisa como modo de resistência*

Maria Angelita Cordeiro ¹
André Luiz dos Santos Silva ²
Ariane Correa Pacheco ³
Diênifer Monique da Conceição ⁴

RESUMO

Esse texto analisa a concepção de alunos do 9º ano sobre as relações de gênero e as violências contra as mulheres. De caráter qualitativo, o estudo utilizou-se do grupo focal com adolescentes matriculados em uma escola localizada em uma região onde há um alto índice de violência contra as mulheres, no município de Novo Hamburgo. A análise dos dados se deu a partir da técnica de análise de conteúdo (SANTOS, 2012). A partir das discussões com o grupo foi possível perceber uma compreensão fortemente amparada em distinções de gênero, revelando lugares funções diferentes a homens e mulheres. Assim, o cuidado com a casa e, sobretudo com os filhos emergiu como atribuição primordialmente feminina. Além disso, os modos de ser e se portar tornou-se pauta da discussão, dando a ver um processo que autorizava os meninos a emitirem juízo sobre o comportamento (em especial nos espaços públicos) e vestimenta de suas mães, irmãs e supostas filhas e esposas. Em que pese, a maioria dos adolescentes tenham sinalizado algum tipo de menção coercitiva aos comportamentos de mulheres que não estavam de acordo com as normas instituídas, um grupo combativo de meninas apresentavam falas de resistência a algumas normatividades e ao que seriam obrigações femininas.

Palavras-chave: Violência de Gênero; Educação; Escola.

INTRODUÇÃO

O município de Novo Hamburgo é uma das cidades com maior taxa de feminicídio da região do vale dos Sinos. De acordo com ObservaSinos, atinge uma

¹ Graduada em Educação Física pela Universidade Feevale;

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, andrels@ufrgs.br

³ Universidade Feevale, arianepacheco@feevale.br

⁴ Graduada em Educação Física pela Universidade Feevale;

média de 5.6 homicídios para cada 100 mil habitantes, estando consideravelmente acima da média de todo o Vale do Rio dos Sinos (5.0 por 100 mil habitantes), da média do Estado do Rio Grande do Sul (3.9 para cada 100 mil habitantes) e da média Nacional (4.6 para cada 100 mil habitantes).

Pensando como as ações violentas podem afetar o desenvolvimento escolar e social dos indivíduos busca-se, juntamente com o projeto: “Violência de Gênero e Educação” entender então, o seguinte problema: Como os alunos de uma escola localizada em uma região de altos índices de queixa/crime em Novo Hamburgo concebem e atribuem as ações de violência contra a mulher na sua comunidade? Desta forma os objetivos do trabalho foram analisar a concepção dos adolescentes matriculados em uma escola localizada em região de alto índice de violência contra as mulheres e violência de gênero, identificar a que ações os alunos atribuem como justificativa à violência contra as mulheres e a forma como meninos e meninas se expressam e se posicionam diante das informações sobre a violência contra as mulheres e de gênero.

METODOLOGIA

A partir do mapa da violência contra as mulheres do município de Novo Hamburgo, produzido pela pesquisa “Violência de Gênero e Educação Escolarizada” (SILVA, MEYER, RIEGEL, 2021), identificou-se a escola parceira. Mediante ao Termo de Autorização Institucional e Termos de Consentimento e Anuência devidamente assinados, produziu-se um grupo focal com 20 alunos, 12 meninas e 8 meninos com idades entre 14 e 15 anos matriculados no 9º ano⁵.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os alunos e alunas, de modo geral, contribuíram muito com o desenvolvimento da pesquisa. Os posicionamentos de algumas meninas apresentaram resistência sobre as normas de conduta esperadas para mulheres. Embora nem todas concordassem, as garotas do grupo focal foram as que mais se colocaram contrárias às expectativas acerca dos cuidados com a casa e marida. De modo geral, os garotos colocaram-se de forma

⁵ Esse texto é fruto do trabalho de conclusão de curso da primeira autora (CORDEIRO, 2018).

sexista. Para eles a mulher tem as suas responsabilidades, seus papéis, seu lugar e uma forma de se comportar.

O ponto pacífico para os meninos e meninas do grupo focal foi a compreensão de que cabe à mulher a responsabilidade por cuidar dos filhos. Para ambos os lados, porém sobre o cuidado com a casa as atividades domésticas podem ser compartilhadas, deixam claro que não necessariamente essa é uma obrigação somente da mulher embora a condição de ser mulher as coloque em situação maior responsabilidade. Alguns meninos compreendem que eles podem realizar o trabalho doméstico se a mulher não o fizer, porém mediante justificativas fortes, como problemas de saúde, por exemplo.

Os garotos concordaram ainda sobre relacionamentos que as opiniões devem ser respeitadas mesmo que sejam diferentes e que a partir do momento em que se estabelece um relacionamento amoroso entre o casal a mulher precisa evitar se expor aos olhos de outros homens e não deve sair desacompanhada de seu parceiro. Algumas meninas defenderam o seu direito e de qualquer outra mulher em usar a roupa que desejar, desde que ela não seja considerada vulgar. O uso de determinada vestimenta pode gerar desconforto no público masculino já que os meninos relataram preocupação de como eles irão ficar na situação de parceiros de alguém que expõe o corpo aos olhos dos outros homens.

Os alunos não apontaram qualquer ação passível de violência como forma de correção ou ajuste de conduta, porém se contradisseram em palavras quando citadas algumas situações. Algumas falas ficaram apenas subentendidas que poderiam ocorrer ações violentas com as mulheres diante do descumprimento das normas ou não. Usaram muitas vezes “ter uma conversa séria” como forma de tentar compreender o motivo do qual a mulher não estaria cumprindo com o seu papel e encontrar uma solução para o problema. Utilizaram termos claros sobre agressão quando o assunto para eles era sério por exemplo: traição, mas não tomaram para si como possíveis autores da ação. Ainda que uma mulher agredisse a um homem não seria motivo para revidar, mas seria uma justificativa para eles onde eles denominam o prevailecimento da mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim podemos concluir que o núcleo familiar, por ser a primeira instituição social na qual há a inserção de regras, formas de conduta e condição hierárquica, insere as normas de comportamento como lhes foi passado e é exigido que seja cumprido,

porém, as vivências dos indivíduos na sociedade lhes apresentam uma série de outras possibilidades dando-lhes consciência das mudanças sobre a sociedade. Uma vez que as campanhas para levar informações sobre as leis, os direitos das mulheres e de todas as minorias sociais e os deveres da sociedade, está se tornando cada vez mais presente no cotidiano e desenvolvimento desses alunos. O conhecimento sobre a gravidade dos crimes de violência e suas punições, servem de inibidores para os agressores, contudo não deve ser o medo de punição o fator de impedimento, mas sim a consciência de que não deve haver distinção quanto ao gênero do indivíduo ocupante dos espaços sociais e muito menos suas funções.

Ao chegarmos no final do processo de desenvolvimento da pesquisa é possível compreender um pouco mais como se dá para os adolescentes a construção dos seus conceitos sociais. Podemos notar que eles ainda estão muito ligados às questões relacionadas com a maternidade tratando a mãe como uma categoria diferente de mulher. Alguns alunos conseguem se imaginar daqui a alguns anos para possivelmente descrever como agiriam nas situações de desconforto sobre as normativas femininas. Certas normas de conduta impostas na sociedade às mulheres, para eles ainda são imutáveis e se mostraram incomodados diante do descumprimento delas. Conhecem que há leis e ações que amparam mulheres que passam por situações de violência e que não é apenas a agressão física que a caracteriza. A falas foram ricas sobre as vivências que os alunos já possuem e a visão que eles têm do modo como a sociedade se apresenta de acordo com a comunidade que eles vivem. Trabalhar com esses alunos sobre as concepções deles acerca da violência contra a mulher, foi de grande valia à medida que se conseguiu notar que os alunos encontram em formação sobre seus lugares e funções na sociedade. Mesmo ainda com pouca idade é visível que futuramente possam estar homens e mulheres que possam amparar vítimas e possíveis indivíduos que colaborem com a redução dos números da violência.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Maria Angelita – Nem Relaxada, nem prevalecida: expectativas de gênero em uma região de alto índice de violência contra as mulheres. Feira de Iniciação Científica (10: 2018: Novo Hamburgo, RS) Anais da Feira de Iniciação Científica [recurso eletrônico] – Novo Hamburgo : Universidade Feevale, 2018.

SILVA, André, Luiz dos Santos, MEYER, Dagmer Estermann; RIEGEL, Roberta Plangg. (2021). Gênero, mulher, crime e violência: Relações e tensionamentos. Revista Educação Em Questão, 59(59). <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2021v59n59ID24637>